



16º Congresso Brasileiro de Assistentes Sociais

Tema: “40 anos da “Virada” do Serviço Social”

Brasília (DF, Brasil), 30 de outubro a 3 de novembro de 2019

Eixo: Ética, Direitos Humanos e Serviço Social.

Sub-Eixo: Ênfase em Ética.

PENSANDO A ÉTICA PROFISSIONAL DO SERVIÇO SOCIAL NA OBRA “QUARTO DE DESPEJO: DIÁRIO DE UMA FAVELADA”

Barbara Oliveira Rosa¹
Tatiana Ferreira dos Santos²
Dagoberto José Fonseca³

Resumo: O propósito do artigo é correlacionar a ética profissional do assistente social dialogando com a visão de Carolina Maria de Jesus sobre o Serviço Social. A pesquisa bibliográfica se estruturará por meio de três pontos principais: a ética, a ética profissional na área do Serviço Social e por último, a visão da autora sobre o Serviço Social no seu diário “Quarto de Despejo”.

Palavras-chave: Serviço Social, Carolina Maria de Jesus, Ética.

ABSTRACT: The purpose of the article is to correlate the professional ethics of the social worker in dialogue with Carolina Maria de Jesus vision of Social Work. The bibliographic research will be structured through three main points: ethics, professional ethics in the area of Social Service and, finally, the author's view on Social Work in her diary "Quarto de Despejo".

Keywords: Social Service, Carolina Maria de Jesus, Ethics.

1. Introdução

O propósito dessa pesquisa é discutir dentro da ética, a questão da ética profissional, o Serviço Social, refletindo sobre a obra de Carolina Maria de Jesus - “Quarto de Despejo: diário de uma favelada”. Por isso, o intuito é correlacionar a ética profissional do assistente social junto com a visão de Carolina Maria de Jesus sobre o Serviço Social.

Carolina Maria de Jesus, foi uma mulher negra, que catava papel em São Paulo, para sustentar seus filhos. A autora/personagem nasceu em Sacramento (MG) em 1914, sendo criada pela mãe e pelo avô. Ela ajudava a mãe que trabalhava como doméstica em fazendas. Nesse período cursou até o segundo ano do atual ensino fundamental. Depois de mais velha mudou-se para várias cidades da região, chegando, aos 33 anos, até à favela do Canidé, em São Paulo, período que é retratado no livro “Quarto de Despejo: diário de uma favelada”. Durante uma discussão no parquinho da favela, conhece o repórter Audálio Dantas, mostrando seus 35 cadernos.

¹ Estudante de Pós-Graduação, UNESP, E-mail: barbarass@hotmail.com.br.

² Estudante de Pós-Graduação, UNESP, E-mail: barbarass@hotmail.com.br.

³ Professor com formação outra áreas, UNESP, E-mail: barbarass@hotmail.com.br.

O legado de Carolina permanece até hoje, ainda que, atualmente, a escritora seja desconhecida da maioria dos leitores, principalmente dos jovens. Seu diário é importante não apenas porque se constitui em um lugar de resistência de alguém que mal tinha como sobreviver, mas porque justamente é o relato dessa condição. Um relato que mostra ainda a importância do corpo na escrita e como essa escrita contribuiu para a representação de um papel social. Como se procurou mostrar ainda, o texto de Carolina é a fala individualizada do pobre, o testemunho de alguém que realmente viveu e sobreviveu à miséria. (FORTUNA, 2014, p. 122)

A pesquisa bibliográfica se estruturará por meio de três tópicos principais: a ética, enquanto conceito; posteriormente um segundo tópico sobre ética profissional na área do Serviço Social; e por último, a visão da autora/personagem sobre o Serviço Social.

Assim, a relevância de pesquisar Carolina Maria de Jesus dentro do Serviço Social se constitui na medida em que ela é pouco estudada na área, restringindo-se muitas vezes ao campo das Letras. A pesquisa também se destaca pelo ineditismo: de analisar o Serviço Social dentro de uma obra literária, mostrando como ainda hoje, a obra “Quarto de Despejo: diário de uma favelada” aborda temas atuais e cotidianos da realidade social.

No que toca à representação da mulher negra na produção literária brasileira de autoria feminina ao longo da história, percebe-se que a voz da mulher negra foi praticamente inexistente, ou quando existente, não foi devidamente reconhecida: seja por meio das vozes de suas escritoras, seja através das próprias personagens inscritas nos romances canônicos (ROSSINI, 2014, p. 22).

Dessa forma, a pesquisa é relevante ao trazer a voz de uma escritora negra, na perspectiva da usuária do Serviço Social. A pesquisa visa também colaborar com uma perspectiva multidisciplinar no sentido de correlacionar áreas de Letras e Serviço Social. Por meio da pesquisa visamos romper com essa “[...] situação patológica em que se encontra nosso saber. A especialização sem limites culminou numa fragmentação crescente do horizonte epistemológico” (JAPIASSU, 2006, p. 28-29).

2. Ética

A ética estabelece relação entre o humano singular e o humano genérico, entre o homem e sua consciência, tendo como seu objeto de estudo a moral. A ética é uma capacidade humana necessária para a concretização da sociabilidade, é a capacidade de escolher conscientemente por meio do valor individual e sua concretização objetiva por meio da ação na vida social. “Ética vem do grego *ethos*, que significa “modo de ser” ou “caráter”, enquanto forma de vida também adquirida pelo homem” (VÁZQUEZ, 1975, p.14).

Compreende-se a ética na contemporaneidade como ciência, filosofia ou estudo da moral. A ética caracteriza-se por princípios gerais, e é perene em todas as sociedades. A mesma origina-se por meio da necessidade do homem compreender o agir, a reflexão de

como agir, ou seja, é a capacidade de agir conscientemente do homem, “[...] a ética é, antes de tudo a preocupação com o outro” (DROIT, 2012, p. 37).

Dessa forma, a ética nos propicia realizarmos a crítica à vida cotidiana, desmistificando os preconceitos, buscando a liberdade e possibilitando escolhas conscientes. A vida cotidiana é uma dimensão necessária da vida, se constitui como o espaço das generalizações, do senso comum, do hábito, do imediato. Para sairmos da condição de reprodução, alienação da vida, temos que superar o cotidiano.

O homem participa na vida cotidiana de todos os aspectos de sua individualidade, de sua personalidade. Nela, colocam-se “em funcionamento” todos os seus sentimentos, todas as suas capacidades intelectuais, suas habilidades manipulativas, seus sentimentos, paixões, ideias e ideologias (HELLER, 1972, p. 17).

A ética é orientada pela práxis, e os valores não são apenas subjetivos, são também objetivos. A ética é uma capacidade humana necessária para a concretização da sociabilidade, é a capacidade de escolher conscientemente por meio do valor individual e sua concretização se dá através da ação na vida social.

A moral seria o estudo dos costumes, que se altera de acordo com a cultura, a época e a história. Esta advém da necessidade de normas e deveres, integra o indivíduo e a sociedade, um indivíduo e outro.

A intenção da moral é de concordar os interesses de cada um com o interesse coletivo. A moral está relacionada com os costumes, a cultura e a coletividade, sendo um conjunto de valores que regulamentam o agir do homem.

Na nossa sociedade, a moral serve para legitimar a ideologia da classe dominante. Desse modo, as escolhas não são conscientemente livres, pois elas sofrem direcionamentos por ideologias coercitivas.

Os pensamentos da classe dominante são também, em todas as épocas, os pensamentos dominantes, ou seja, a classe que tem o poder material dominante numa sociedade é também a potência dominante espiritual. A classe que dispõe dos meios de produção material dispõe igualmente dos meios de produção intelectual; de tal modo que o pensamento daqueles a quem são recusados os meios de produção intelectual está submetido igualmente à classe dominante. Os pensamentos dominantes são apenas a expressão ideal das relações materiais dominantes concebidas sob a forma de ideias e, portanto, a expressão das relações que fazem de uma classe a classe dominante; dizendo de outro modo, são as ideias e, portanto, a expressão das relações que fazem de uma classe a classe dominante; dizendo de outro modo, são as ideias do seu domínio (MARX, 2007, p. 55 e 56).

A ideologia dominante ocasiona uma falsa consciência, que não corresponde com a realidade vivida pelos sujeitos, pois naturaliza e fragmenta as relações de produção, ou seja, mascara as relações de poder.

Nesse contexto, como podemos falar de liberdade? Hoje quando falamos sobre liberdade relacionamos com uma liberdade individual, baseada em discursos meritórios, culpabilizadores e individualistas, entre outros.

Para Aristóteles (1985) a essência da ética é a liberdade. Para este, há três concepções principais de liberdade: ausência de restrições, liberdade em relação a alguma coisa e como possibilidades de escolhas.

O conceito de liberdade faz-se essencial para se compreender a ética, a liberdade e a possibilidade de efetivação da ética. Liberdade é o dever de garantir a todos os indivíduos oportunidades de escolhas, de ter capacidade de escolher e agir conforme sua vontade, assumindo a responsabilidade perante seus atos.

Assim, para falar em liberdade temos que levar em consideração que não existe liberdade de escolha sem meios objetivos para concretizá-los. “As alternativas abrem espaço para escolhas: gênese da liberdade. Pois a liberdade para Marx não consiste na consciência da liberdade ou das escolhas, mas na existência de alternativas e na possibilidade concreta de escolha entre elas.” (BARROCO, 2011, p. 26).

Portanto, para que a ética não reproduza os componentes alienantes e para se atingir os valores humano-genéricos é necessário que se caracterize pela suspensão da cotidianidade, que ela tenha uma perspectiva totalizante, crítica, que nos faça pensar, questionar, que possibilite desvelar o real, o movimento da realidade.

Desde modo, todo sujeito é um ser ético, e a ética não está ligada a julgamentos, mas sim a reflexões, ou seja, não existe ninguém sem ética, existem pessoas que tem uma postura antiética.

é de extrema importância esse tratamento ontológico da ética, pois possibilita a compressão da ação ética enquanto capacidade específica do homem. A constituição do ser social é representada pela autoconstrução, na relação entre necessidades e a busca por responder essas mesmas necessidades, por meio das mediações como, por exemplo, a consciência e o conhecimento, portos pelo desenvolvimento do trabalho. O agir ético é orientado por valores e princípios escolhidos de forma consciente pelos indivíduos sociais, mas essa autonomia frente às escolhas é relativa diante de determinadas condições históricas. O ser social pode construir alternativas diante de suas necessidades, para escolher de forma consciente dentre as alternativas. O indivíduo, nesse sentido, comporta-se como um sujeito ético, ao fazer escolher de forma consciente e livre diante das alternativas (SILVA, 2011, p. 5).

A ética possibilita a elevação do ser humano, possibilita este atingir o humano-genérico, de modo que esse se reconheça no outro, se coloque no lugar do outro em uma perspectiva de identidade e não de alteridade. “[...] a proposição de que o homem está alienado do seu ser genérico significa que um homem está alienado de outro, como que cada um deles da essência humana” (SILVEIRA, DORAY, 1989, p. 52).

3. Ética no Serviço Social

Tanto para atuação quanto para a pesquisa, os/as assistentes sociais se baseiam no Código de Ética Profissional (1993). Com o Código de Ética dos assistentes sociais em 1986, já fica claro o posicionamento da categoria profissional em prol da classe trabalhadora e rompendo com o conservadorismo.

A reformulação do Código de 1986 assinalou inédita na história profissional: instaurou o primeiro Código de Ética desde a institucionalização do Serviço Social, que explicitou – com base no marxismo –, o compromisso com os sujeitos de intervenção: as classes trabalhadoras (BARROCO, 2005, p. 35)

Assim, o contexto do país de democratização, com a criação do código de 1986, a profissão, conseguiu “quebrar o quase monopólio do conservadorismo profissional” (BARROCO, 2004, p. 28). O período de democratização foi marcado por ampla participação popular, dos movimentos sociais, partidos, o que favoreceu a conquista de direitos políticos e civis, explicitados na Constituição de 1988.

Ademais, ressaltamos que apesar dos avanços políticos e de algumas conquistas, o contexto de política neoliberal espalhava-se pelo mundo atingindo também o Brasil, com princípios do Estado Mínimo, havendo um desmonte e a não efetivação da Constituição de 1988.

Com o amadurecimento teórico, na década de 1990, o Código de ética sofre alterações, construindo que o código deveria se comprometer com valores éticos, não se restringindo a classe trabalhadora.

Foi a partir do Código de Ética de 1993, que o projeto profissional começou a ser chamado de projeto ético-político, situando um momento importante para a categoria profissional que havia superado de forma dialética a compreensão do Código de Ética de 1986, que subordinava o ético ao político, ao compreender que a ética seria uma decorrência natural de uma opção política. Assim o ético e o político posteriormente são compreendidos enquanto uma unidade, mas com naturezas ontológicas distintas. (SILVA, 2011, p. 5)

Neste contexto, passa ter uma ampliação dos conhecimentos éticos, construindo uma concepção de homem mais ampla, pautando-se nos valores humano-genérico. Neste sentido, os valores que fundamentam o Código de Ética também fundamentam a pesquisa em Serviço Social. São eles: liberdade, autonomia, emancipação, defesa dos direitos humanos, da democracia, da equidade, da justiça social, recusa do arbítrio, do autoritarismo (CFESS, 1993).

A relevância da ética está em transformar os valores e princípios do Código de Ética em estratégias, ações e práticas concretas, em prol da classe trabalhadora, a “consciência

de que a ética não se esgota na afirmação do compromisso ético-político” (BARROCO, 2004, p. 31), ou seja, ela afirma-se em ações, contribuindo para uma prática profissional em busca de processos emancipatórios.

Assim, a atuação seguindo os princípios do Código de Ética também visa contribuir em prol da emancipação, da classe trabalhadora e não a favor do mercado. A atuação não se encerra nela mesma, ela tem uma função social, uma função prática. Dessa forma, o Serviço Social, deve possuir compromisso ético visto que atua com as expressões da questão social, e não deve reforçar a situação de subalternidade.

Diante dessa realidade, compreende-se que o/a assistente social deve atuar na negação da discriminação, do preconceito, respeitando os valores, costumes e hábitos dos sujeitos pesquisados, os tratando como sujeitos protagonistas de sua história.

Portanto, o/a assistente social deve priorizar a centralidade do sujeito, ou seja, o sujeito deve ser protagonista e participante, dando maior visibilidade ao sujeito, valorizando as histórias, o cotidiano, a fim de se buscar uma nova sociabilidade.

4. “Quarto de Despejo: diário de uma favelada” e o Serviço Social

Apesar de todo aparato legal, o Código de Ética Profissional do/a Assistente Social, é muito recente. Sendo que anterior as “diretas já”, aos anos 80 e 90, o usuário do Serviço Social ficava a mercê de atitudes embasadas em preceitos da época, que muitas vezes iam contrário aos preceitos democráticos.

O Serviço Social no Brasil teve origem nos anos 20 e 30, como especialização do trabalho. A profissão surge como respostas às expressões da questão social, em um contexto de industrialização, onde a vida dos operários era precária e estes começavam a lutar por direitos, através dos movimentos sociais. Assim, a profissão surge como demanda de uma dada sociabilidade (CASTRO, 1993).

Esse período foi marcado pela República Velha, pela política “café com leite” e por uma economia de exportação, onde o coronelismo detinha o poder econômico e político. Neste período ocorre a quebra da bolsa de valores em Nova York, o que afetou a economia do mundo todo. No Brasil com a Revolução de 30, o governo de Getúlio Vargas investiu na indústria e isso ocasionou o aumento da classe operária, e conseqüentemente o Serviço Social (CASTRO, 1993).

Carolina Maria de Jesus vivenciou esse período, em que o Serviço Social teve forte influência da igreja católica, baseando-se no humanismo cristão. A profissão nesta época correspondia aos interesses da classe dominante, na qual se acreditava em uma harmonia entre as classes, baseando-se na obediência por parte dos trabalhadores e caridade dos capitalistas (CASTRO, 1993).

Nos anos seguintes, com Juscelino Kubitschek, com a profissão sofre influência da assistente social Mary Richmond, os assistentes sociais brasileiros passaram a copiar o modelo norte-americano e trabalhavam em perspectivas individuais, no qual o sujeito tinha que se adaptar ao meio social (CASTRO, 1993). Esse período foi marcado pelo acelerado número de migrações, aumentando significativamente a população de São Paulo, já que a urbanização e a industrialização exigiam aumento da força de trabalho. “Vivia-se à época do governo de Juscelino Kubitschek, cujo slogan era “50 anos em 5”. O objetivo era modernizar o país e, para tanto, estimular a industrialização era um movimento decisivo” (FORTUNA, 2014, p. 99)

O capitalismo criava a ilusão de que as oportunidades eram iguais para todos. Mas as narrativas do diário de Carolina mostraram que para além do desenvolvimento, havia um quadro problemático de pobreza e descaso. No início dos anos 50, década que a autora retrata, a desigualdade era extraordinária e pode se dizer de três tipos sociais que foram protagonistas da industrialização acelerada e da urbanização rápida: o imigrante estrangeiro, migrante rural e o negro urbano e seus descendentes, como Carolina, que fazia parte da massa de negros das cidades que foram abandonados à própria sorte após abolição, ocupados nos trabalhos mais pesados e mais precários, muitos vivendo de expedientes, amontoados em habitações imundas, como a própria Canindé, mergulhados também no analfabetismo, na desnutrição e na doença. (SANTOS, 2015, p. 59-60).

Carolina complementa essa questão trazendo fortes críticas ao governo Juscelino, que acelerava a industrialização e se omitia em relação às questões sociais. De acordo com Meihy e Levine (1994, p. 22), “no final dos anos 40, em São Paulo, estima-se que existiam cerca de 50 mil favelados estabelecidos em sete diferentes locais. As jovens favelas paulistanas eram distintas das cariocas, mas se assemelhavam enquanto promessas de abrigo da pobreza, da violência e do descaso governamental”.

Quando cheguei do palácio, que é a cidade os meus filhos, vieram dizer-me que havia encontrado macarrão no lixo. E a comida era pouca, eu fiz um pouco de macarrão com feijão. E o meu filho João José disse-me:

– Pois é. A senhora disse-me que não ia mais comer as coisas do lixo.

Foi a primeira vez que eu vi a minha palavra falhar. Eu disse:

– É que eu tinha fé no Kubitschek.

– A senhora tinha fé e agora não tem mais?

– Não, meu filho. A democracia está perdendo os seus adeptos. No nosso paiz tudo está enfraquecendo. O dinheiro é fraco. A democracia é franca e os políticos fraquíssimos. E tudo o que está fraco, morre um dia (JESUS, 2005, p. 35).

É no governo de Juscelino que ela escreve o livro “Quarto de Despejo: Diário de uma favelada”. Nesse livro retrata a desigualdade social vivida na favela, como também problematiza a atuação do Serviço Social frente a essa questão. Mostrando uma profissão antiética, sem compromisso com os pobres, visando apenas interesses da classe rica. Em uma passagem do livro, a autora relata o fato de um morador de rua, falecer por comer carne estragada. E mostra o silenciamento da profissão diante do fato.

A fome era tanta que ele não pode deixar assar a carne. Esquentou-a e comeu. Para não presenciar aquele quadro, saí pensando: faz de conta que eu não presenciei esta cena. Isso não pode ser real num paiz fértil igual ao meu. Revoltei contra o Serviço Social que diz ter sido criado para reajustar os desajustados, mas não toma conhecimento da existência infaustas dos marginais. [...] No outro dia encontraram o pretinho morto. Os dedos do seu pé abriram. O espaço era de vinte centímetros. Ele aumentou-se como se fosse de borracha. Os dedos do pé parecia leque. Não trazia documentos. Foi sepultado como um Zé qualquer. Ninguém procurou saber seu nome. Marginal não tem nome (JESUS, 2005, p. 36).

Mais adiante no próprio livro ela descreve uma cena na sede do Serviço Social. De maneira crítica a autora mostra como a profissão nesse período tinha um posicionamento conservador. A identidade do Serviço Social nesse período foi atribuída pela classe dominante “[...] era uma síntese de funções econômicas e ideológicas, o que levava a produção de uma prática que se expressava fundamentalmente como um mecanismo de reprodução das relações sociais de produção capitalista, como uma estratégia para garantir a expansão de capital. (MARTINELLI, 2001, p. 124).

Mas eu já observei os nossos políticos. Para observá-los fui na Assembléia. A sucursal do Purgatório, porque a matriz é a sede do Serviço Social, no palácio do Governo. Foi lá que eu vi o ranger de dentes. Vi os pobres sair chorando. E as lágrimas dos pobres comove os poetas. Não comove os poetas de salão. Mas os poetas do lixo, os idealistas das favelas, um expectador que assiste e observa as tragédias que os políticos representam em reação ao povo (JESUS, 2005, p. 54).

4. Considerações Finais:

Podemos concluir que a ética está presente e faz parte do nosso cotidiano, transformando as ações profissionais do/a assistente social num desafio ético, lidando com a moral cotidianamente. Portanto, antes de fortalecermos os princípios éticos do/a assistente social, antes da Constituição de 1988, o profissional se pautava em postulados teórico-metodológicos da época.

Por isso, no governo de Getúlio Vargas, o surgimento da profissão vem associada com a Igreja Católica e preceitos de caridade. Depois com Juscelino Kubitschek o desenvolvimentismo, investimento em urbanização e industrialização, acompanhou uma mudança profissional que se inspira no modelo norte-americano positivista, de neoconservadorismo, a fim de “reajustar os desajustados” como diz Carolina Maria de Jesus, ou seja, uma posição culpabilizadora, no qual o indivíduo que está errado tem que se adequar.

Somente com o Código de Ética dos assistentes sociais em 1986, é que se tem uma mudança de tais preceitos. O posicionamento da categoria profissional passa a ser em prol da classe trabalhadora e rompe com o conservadorismo. Assim, os valores éticos e

democráticos passam a ser presentes na atuação do Serviço Social, observando o usuário como protagonista, como sujeito de sua história e agente de mudança.

Com isso, por meio da obra “Quarto de Despejo: diário de uma favelada” percebemos que Carolina Maria de Jesus, não teve um atendimento respaldado no Código de Ética da/o assistente social, sendo que ela vivenciou o período de governo de Juscelino Kubitschek, foi atendida e observou um atendimento do Serviço Social, pautados em valores desenvolvimentistas privilegiando manter a ordem e no sentido de readequação do sujeito atendido.

5. Referências

ARISTÓTELES. **Ética a Nicômacos**. Brasília: Editora UNB, 1985.

BARROCO, M. L. S. **A inscrição da ética e dos direitos humanos no projeto ético-político do Serviço Social**. In: Revista Serviço Social e Sociedade 79 anos XXV, São Paulo, Cortez, 2004.

_____. **Ética, pesquisa e Serviço Social**. Revista Temporalis: 09. Associação Brasileira de Ensino e Pesquisa em Serviço Social (ABEPSS), Brasília, Ano V, 2005.

_____. **Considerações sobre a ética na pesquisa a partir do Código de Ética Profissional do Assistente Social**, 2005. Disponível em: <www.cpihts.com> Acesso em: 07 fev. 2017.

_____. **Ética: Fundamentos sócio-históricos**. São Paulo: Cortez, 2011. (Biblioteca Básica de Serviço Social, V.4)

BOURGUIGNON, J. A. **A centralidade ocupada pelos sujeitos que participam das pesquisas do Serviço Social**. Revista Textos e Contextos, Porto Alegre, v. 7, n. 2, p. 302-312, jul/dez, 2008.

CASTRO, M. M. **História do Serviço Social na América Latina**. São Paulo: Cortez, 1993.

CFESS, Conselho Federal de Serviço Social – **Código de Ética Profissional dos Assistentes Sociais**. Brasília, CFESS, 1993.

COUTINHO, C.P. **Metodologia de investigação em ciências sociais e humanas: Teoria e prática**. 2ª ed. Coimbra: Almedina, 2014.

CREWELLJ.W. **Projeto de pesquisa: Métodos qualitativo, quantitativo e misto**. 2ª ed. Porto Alegre, RS: Artmed, 2007.

DEMO, P. **Participação é conquista: noções de política social participativa**. 5 ed. São Paulo: Cortez, 2001.

DROIT, R. **Ética: uma primeira conversa**. São Paulo: WFM Martins Fontes, 2012.

FLICK, U. **Métodos qualitativos na investigação científica**. Lisboa: Monitor, 2005.

FORTUNA, D. R. Carolina Maria de Jesus: Representação e Resistência. **Revista UNIABEU** Belford Roxo V.7 Número 15 janeiro- abril 2014.

HELLER, A. **O cotidiano e a História**. Rio de Janeiro: Editora Paz e terra s.a, 1972.

JAPIASSU, H. **O sonho transdisciplinar e as razões da Filosofia**. Rio de Janeiro: Imago, 2006.

JESUS, C. M. de. **Quarto de Despejo – Diário de uma favelada**. São Paulo: Ática, 2005.

MARTINELLI, M. L. **Serviço Social identidade e alienação**. São Paulo: Cortez, 2001.

MARX, K; ENGELS, F. **A ideologia alemã**. São Paulo: Boitempo, 2007.

MINAYO, M. C. de S. **Pesquisa Social: Teoria método e criatividade**. Rio de Janeiro: Vozes, 1994.

MEIHY, J. C. S. B.; LEVINE, Robert M. **Cinderela negra – a saga de Carolina Maria de Jesus**. Rio de Janeiro: Editora UFRJ, 1994

ROSSINI, T. C. N. **A Representação caleidoscópica da corporalidade da mulher negra em um defeito de cor**. Dissertação apresentada ao Programa de Pós Graduação em Letras (Mestrado), da Universidade Estadual de Maringá, 2014.

SAMPIERI, R.H.; COLLADO, C.F.; LUCIO, P.B. **Metodologia de pesquisa**. 5ª. Ed. Porto Alegre, RS.: Penso, 2010.

SANTOS, L. G. A. dos. **Carolina Maria de Jesus: Análise identitária em quarto de despejo – Diário de uma favelada**. Programa de Mestrado em Estudos da Linguagem - UFG Regional Catalão, 2015.

SILVA, R. D. **A Ética na Formação Profissional em Serviço Social: superação e desafios**. In: XX Seminario Latinoamericano de escuela de trabajo social. São Paulo: PUC, 2011.

SILVEIRA, P. DORAY B. (orgs). **Elementos para uma teoria marxista da subjetividade**. São Paulo: Editora Revista dos Tribunais, 1989.

VÁZQUEZ, A. S. **Ética**. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 1975.

VIELAS, J. **Investigação: processo de construção do conhecimento**. Lisboa: Sílabo, 2009.